

OS PROTESTOS DE 2013 E 2015 E O IMPACTO NA ELEIÇÃO DE 2018

Thiago Perez Bernardes de Moraes*

Romer Mottinha Santos**

RESUMO: Os protestos de 2013 (Jornadas de junho) e de 2015 exerceram grande pressão sobre o governo federal ajudando a esvaziar o capital social do Partido dos Trabalhadores e também a criar circunscrições anti-PT. Nesse trabalho busca-se aferir se em alguma proporção os protestos de 2013 e 2015 reverberaram nas urnas no pleito de 2018. Para tanto se parametrizou um quase experimento natural utilizando-se dados do Google Trends sobre a distribuição de interesse em protestos (como recorte temporal considerou-se o período de 2013 e 2015) e também dada sobre a distribuição de votos válidos em 2018. Os resultados mostram que em ambos os turnos a votação de Fernando Haddad foi atingida de forma negativa pelo efeito protestos, o que por outro lado fez que uma parcela consistente de votos migrasse preferencialmente para os candidatos Jair Bolsonaro, Geraldo Alckmin e Marina Silva (apesar do baixo desempenho eleitoral de Alckmin e Marina).

PALAVRAS-CHAVE: Protestos. Eleições; Google trends; Análise de dados; Internet.

THE 2013 AND 2015 PROTESTS AND THEIR IMPACTS ON THE 2018 ELECTIONS

ABSTRACT: The 2013 (June Protests) and 2015 protests have put enormous pressure on the Brazilian federal administration and helped destitute the Brazilian Workers' Party of its social capital and establish anti-PT conditions. Current paper verifies whether the 2013 and 2015 protests impacted the 2018 elections. Data from Google Trends on the distribution of interests in protests (within the 2013-2015 period) and the distribution of valid votes in 2018. Results reveal that voting for Fernando Haddad in the two voting sessions was negatively affected by the protests

* Doutor em psicologia social pela Universidad Argentina John Fitzgerald Kennedy (UK), Pós-doutor em Direito junto a Università Degli Studi di Messina (Dipartimento di Giurisprudenza). Cientista político, professor no Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE), Brasil.
E-mail: thiagomoraessp@hotmail.com

** Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná. Pesquisador do grupo Elites Políticas, Comunicação e Políticas Públicas do Centro Universitário Internacional Uninter, Brasil.

and a section of votes migrated preferentially towards the candidates Jair Bolsonaro, Geraldo Alckmin and Marina Silva, in spite of the low number of votes for the later two.

KEY WORDS: Protests; Elections; Google trends; Data analysis; Internet.

INTRODUÇÃO

Apesar das mídias sociais terem um papel sem precedentes nas eleições brasileiras de 2018, tal efeito não é de se espantar como um todo visto o impacto já observado em 2016 nas eleições norte-americanas (ITUASSU *et al.*, 2018). De todo modo à eleição de 2018 ofereceu uma nova referência para a política brasileira e a econômica, com a coalizão de partidos pró-mercado e outra liderada pelo Partido dos Trabalhadores, que tem como objetivo final assegurar de alguma forma bases políticas de poder para o partido.

Evidente que a imagem do Partido dos Trabalhadores e do ex-presidente Lula já sofreram algum desgaste, considerando que a recessão econômica se hipertrofiou de forma drástica após a reeleição de Dilma Rousseff em 2014, o que foi concomitante com uma grande onda de escândalos de corrupção envolvendo o governo federal e a Petrobras. Como bem ensina Ted Goertzel (2018), tal clima, somado à crescente insatisfação popular e o crime de responsabilidade fiscal, levou ao *impeachment* de Dilma em 2016 e também ao mau desempenho do partido em eleições municipais e não obstante a *posteriori* Lula é condenado pelo processo referente ao triplex no Guarujá, o que culminou em sua prisão.

Quanto à corrupção é válido elencar o papel da espetacularização da mídia que também personalizou responsabilidades e de forma deliberada estabeleceu o balizamento dos temas referentes aos arranjos estruturais do sistema político que contribuem para a corrupção. Se de um lado os problemas nas instituições políticas podem ser explicados como parte de uma resoluta contra o sistema político, por outro, o diagnóstico moralista implica propostas limitadas ao combate à corrupção. Ou seja, que não são capazes de tocar nos problemas da desproporcionalidade de representação regional (legado da ditadura), a fragmentação partidária e o alto custo das campanhas eleitorais e a formação de maiorias parlamentares que visam

assegurar a governabilidade da agenda legislativa, dito de outra forma, são medidas que não conseguem atingir os problemas básicos do presidencialismo de coalizão.³ De toda forma, entender a revolta social contra a corrupção e a política é preciso compreender também que, para além das camadas médias, as camadas populares são as mais facilmente susceptíveis a serem tocadas e mobilizadas por discursos anticorrupção, o que é racional considerando que a corrupção tende a aumentar a desigualdade e a injustiça de acesso aos recursos públicos (BASTOS, 2017).

Este trabalho se debruça sobre um dos maiores fenômenos da espetacularização e revolta social da política brasileira: Os protestos de 2013 e 2015. Nesse sentido, o objetivo é aferir se existe relação entre os protestos ocorridos em anos anteriores e os resultados da corrida presidencial em 2018. Considerando o grande impacto que os protestos tiveram em estimular o *impeachment* de Dilma Rousseff a hipótese que aqui se trabalha é que possivelmente exista relação entre a distribuição de interesse por protestos no Brasil e o padrão de distribuição de votos em 2018. Considerando que os protestos fizeram elevar o antipetismo na sociedade brasileira, é possível que, este padrão afete de forma negativa os votos do Partido dos Trabalhadores ao mesmo tempo em que beneficie a votação de outros candidatos que possivelmente também estão na tendência principal da disputa.

2 ELEIÇÕES DE 2018

As eleições gerais de 2018 no Brasil iniciaram uma nova configuração de utilização e estratégias de campanhas eleitorais. A doação de empresas (pessoas jurídicas) foi vetada pela reforma eleitoral, restringindo as doações às pessoas físicas e direcionando o financiamento público de campanha. O reduzido tempo de TV em horário gratuito e a inserção de *spots* na programação de TV aberta dependem da representação que o partido ou coligação do presidenciável possui na Câmara dos Deputados. O recurso para comunicação política e eleitoral de forma mais acessível e com potencial aos candidatos demonstrou serem as mídias sociais, como *Facebook*,

3 Presidencialismo de coalizão é um termo utilizado nas ciências sociais, foi criado por Sérgio Abranches (1988), que aborda a estrutura do sistema presidencialista, o multipartidarismo e a governabilidade. Neste conceito o partido do presidente precisa formar alianças (coalizões) com outros partidos para formar a maioria no Congresso e poder governar.

WhatsApp, YouTube, Instagram e Twitter.

O cenário eleitoral de 2018 no Brasil para a disputa presidencial possui alguns fatores distintos das eleições anteriores. O país atravessou uma onda de protestos contra o governo e com uma das principais pautas o combate à corrupção. No ano de 2016 ocorreu o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT) e, posteriormente, o governo Michel Temer (MDB) apresentou níveis de reprovação elevados,⁴ crise econômica e crise de imoralidades. Em 2017 a reforma eleitoral proporcionou algumas mudanças significativas para eleitores e candidatos. As campanhas em 2018 são mais curtas.

A candidatura do ex-presidente Lula (PT) foi impugnada pelo TSE e desde 7 de abril de 2018 ficou preso em Curitiba condenado no caso do triplex de Guarujá,⁵ resultante da Operação Lava Jato.⁶ Fernando Haddad (PT), ex-prefeito de São Paulo, substituiu Lula e apresentou crescimento progressivo nas intenções de voto até se firmar como adversário de Bolsonaro para o segundo turno. O deputado federal Jair Bolsonaro (PSL) em sua primeira disputa presidencial apresentou-se como líder nas pesquisas eleitorais. Sua conduta prioriza o combate à esquerda com um posicionamento nacionalista e conservador. O senador Álvaro Dias (Podemos), do Paraná, apresenta-se como uma candidatura de centro alternativa aos candidatos do PT e PSDB que polarizaram as disputas presidenciais desde 1994. Geraldo Alckmin (PSDB), o ex-governador de São Paulo, disputou sua segunda eleição presidencial. Sua coligação conquistou o maior número de partidos e o maior tempo de campanha

⁴ Na evolução da avaliação do governo de Michel Temer divulgada pelo Instituto de Pesquisas Datafolha em junho 2018 apenas 3% dos entrevistados consideravam ótimo ou bom o governo, enquanto que 82% consideravam ruim ou péssimo. Ao final do mandato em dezembro de 2018 eram 7% dos entrevistados que consideravam bom ou ótimo e 62% consideravam ruim ou péssimo o governo de Michel Temer. (DATAFOLHA, 2018).

⁵ Em 07 de novembro de 2019, o STF (Supremo Tribunal Federal) teve o resultado do julgamento sobre derrubar a prisão em 2ª instância com os condenados somente podendo ser presos após o trânsito em julgado. Em 08 de novembro de 2019 a Justiça Federal determinou a soltura imediata do ex-presidente Lula.

⁶ “O nome do caso, “Lava Jato”, decorre do uso de uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas. Embora os trabalhos tenham avançado para outros rumos, o nome inicial se consagrou. No primeiro momento, foram investigadas e processadas quatro organizações criminosas lideradas por doleiros, que são operadores do mercado paralelo de câmbio. Depois, o Ministério Público Federal recolheu provas de um imenso esquema criminoso de corrupção envolvendo a Petrobras”. (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2019).

eleitoral na TV e no rádio. O candidato Ciro Gomes (PDT) já participou de outra disputa presidencial. Guilherme Boulos (PSOL) foi uma novidade dos partidos de esquerda. O candidato do governo Henrique Meirelles (MDB), ex-ministro da Fazenda e ex-presidente do Banco Central, disputou a eleição presidencial pela primeira vez. João Amoêdo (NOVO) foi o candidato oriundo do mercado financeiro. A candidata Marina Silva (REDE), em sua terceira disputa presidencial, não obteve resultados expressivos como em 2014 após assumir a candidatura do falecido Eduardo Campos (PSB) quase interrompeu a polarização PT & PSDB. O deputado federal Cabo Daciolo (Patriotas) foi outro candidato que disputou a eleição presidencial pela primeira vez e foi atração nos debates. João Vicente Goulart Filho (PPL) também disputou pela primeira vez a corrida presidencial. A candidata Vera Lúcia (PSTU) é uma representante da esquerda que também disputou a presidência pela primeira vez. O candidato José Maria Eymael (DC) foi candidato a presidente da República nas eleições de 1998, 2006, 2010 e 2014, mas nunca figurou entre os líderes de intenção de voto.

Siri Völker (2017), que é pesquisadora do *GIGA- German Institute of Global and Area Studies*, afirmou antes das eleições de 2018 que o Partido dos Trabalhadores enfrentaria um desafio inédito, tanto para vencer o crescente descrédito em relação ao partido e também a crescente onda de forças conservadoras e ultraliberais.⁷

O antipetismo (que fora um dos agravantes do baixo desempenho do PT em 2018) pode ser explicado, de acordo com Denise Paiva, Silvana Krause e Adriana Paz Lameirão (2016), em duas vias: primeiro como uma resposta a percepções negativas que o eleitor tem acerca dos governos petistas em nível federal; além

⁷ A candidatura do ex-presidente Lula, para Siri Völker (2018), foi um reflexo que almejava em curto prazo fortalecer a esquerda mesmo com o risco do atraso das reformas necessárias dentro do partido e também dá aumento da fragmentação da esquerda. Um dos reflexos dessa insatisfação, por parte da esquerda em relação ao PT, se materializou a exemplo no movimento Muda PT, formado por deputados federais de diversas segmentações do PT, que pleiteavam reformas dentro do partido. Dentro desse cenário o PT adotou como estratégia o ataque às reformas econômicas promovidas pelo então presidente Michel Temer, e ao mesmo tempo, adotando uma aclamação aos primórdios do governo Lula em que houve prosperidade econômica e que, obviamente, o voto de confiança no PT significaria então um retorno a esta época de ouro. Nesse cenário, o PT adotou uma posição inflexível quanto às críticas externas, não nutrindo nenhum tipo de crítica interna nem tampouco deixando clara sua posição quanto às alegações de corrupção em uma seara onde a candidatura de Lula passa até a impedir a formação de uma aliança entre os principais partidos de esquerda (VÖLKER, 2018).

disso, o antipetismo se relaciona a sujeitos que nutrem sentimentos positivos em relação ao PSDB (PAIVA; KRAUSE; LAMEIRÃO, 2016). Em 2018, ao contrário, apesar de ser evidente de alguma forma a existência de um antipetismo, como elencado por Borges e Albala (2018), isso não se plasmou na forma de transferência de votos do PT para o PSDB e sim para Jair Bolsonaro e o PSL (um partido *outsider* até então na arena eleitoral).

Claro que não foi em 2018 que o PT viu esvaziada sua confiança, como já dito, foi um processo gradual, em parte, fruto da mutação sofrida pelo próprio partido. Quando o PT assumiu o poder em 2003 (vencendo as eleições de 2002) foi considerado o maior partido de esquerda da América Latina, formado até então por uma fusão de sindicatos, intelectuais e movimentos sociais do início dos anos 1980, ou seja, um partido formado de forma bastante dicotômica a maior parte dos demais partidos políticos brasileiros. No entanto, depois que o partido assumiu os governos locais, ele se adaptou cada vez, mas as estratégias partidárias convencionais, deixando de lado o alto grau de democracia interna e disciplina partidária, ampliada a orientação política programática e ideológica que sempre lastreou as atitudes do partido. Assim o PT se viu movido cada vez mais para o centro das políticas, das alianças e passou a direcionar cada vez mais nas estratégias eleitorais de curto prazo, com vieses clientelistas (VÖLKER, 2018).⁸

3 GOOGLE TRENDS

O Google Trends explora tendências de pesquisas atuais e passadas. A sua utilização para o desenvolvimento de pesquisas científicas ainda deve ser aperfeiçoada, mas demonstra-se uma ferramenta de grande magnitude para análise de buscas na web.

⁸ De toda forma, o candidato Jair Bolsonaro foi agraciado por uma tempestade perfeita que foi oriunda da soma de quatro crises simultâneas. A primeira, a econômica, causada por uma recessão prolongada e por falta de respostas políticas. Além disso, a crise política, marcada por polarização em um cenário de queda de confiança nos partidos políticos tradicionais. Não obstante, a crise da corrupção que foi desnudada pela Operação Lava Jato que se soma à crise da segurança pública. Tomadas em conjunto estas crises não só esvaziaram a confiança no governo Temer, mas também colocou em cheque a legitimidade da própria democracia. Importante sublinhar nesse caminho que mesmo entre idas e vindas desde 1985 a democracia brasileira nunca antes teve um desempenho tão baixo (HUNTER; POWER, 2019).

O Google foi criado para que as pessoas pudessem aprender sobre o mundo, não para que pesquisadores entendessem pessoas. Mas ocorre que os rastros que deixamos ao buscar conhecimento na internet são incrivelmente reveladores (STEPHENS-DAVIDOWITZ, 2018, p. 4). O uso de tecnologias para visualização de dados é de fundamental importância para os cientistas de dados que se preocupam em identificar padrões, tendências e relacionamentos em conjuntos de dados por meio do uso de tecnologias *Big Data*.⁹ A *Data Science* é a ciência sobre os dados e define com veracidade as maneiras contemporâneas de visualização analítica. *Data Science* é a nova área de pesquisa, a qual será capaz de solucionar problemas atuais e futuros relacionados com o *Big Data* (GONZALEZ AGUILAR *et al.*, 2017, p. 172-173).

Pesquisas na internet fornecem uma forma instantânea de acesso à informação sobre a opinião pública e o interesse coletivo. O *Google Trends* na última década tem sido utilizado para compor modelos de séries temporais e também de distribuição geográfica de buscas registradas no motor de busca do Google (WOLF, 2018; GUNN *et al.*, 2018).¹⁰

Evidente que os resultados que se podem obter com motores de busca reversa (como o *Google Trends*) não são exatamente fáceis de estudar, visto que os resultados da pesquisa são obtidos no ato da busca e necessitam de recuperação a partir de um arquivo de dados do *Google Trends*. Por conta disso existe um emergente debate sobre as questões ontológicas e metodológicas relacionados a

⁹ *Big Data* é uma área do conhecimento que analisa grandes volumes de dados, com velocidade, variedade e veracidade para obter informações úteis.

¹⁰ O uso do *Google Trends* e sua popularização entre pesquisadores se dá *pari passu* com o amadurecimento da ciência de dados, matéria que abrange mais do que o uso convencional de dados e cálculos estatísticos. Se de um lado a pesquisa estatística convencional planteia hipóteses que são testadas com a ajuda de dados (assumindo que os dados são gerados por um dado modelo de dados estocásticos), a ciência de dados em outro lado não se limita a fornecer novas ferramentas, mas também propõe alternativas para resolução de problemas diferentes. Para tanto, utilizam-se modelos algoritmos e trata os mecanismos de dados como desconhecidos, descobrindo a partir deste ponto as estruturas complexas que não foram especificadas com antecedência. Se de um lado a estatística convencional é dedutiva a ciência de dados é indutiva, em um eixo onde as abordagens não se excluem, ao contrário, se complementam. A base que calça a ciência de dados é o reconhecimento de padrões em dados complexos, em um sistema onde é possível aferir a existência de *clusters* (agrupamentos) e classificações para extrair informações significativas dos dados que podem então ser transformados em uma estrutura compreensível para *a posteriori* ser utilizado de forma mais inteligível e funcional (PRÜFER; PRÜFER, 2018).

esse tipo de fonte de dados (ORMEN, 2016). A ferramenta *Google Trends* mostra as taxas de pesquisa de termos no mundo e as tendências nessas taxas, que podem ser segmentadas em perspectiva espacial (considerando praticamente todos os países) e temporal (considerado qualquer período no tempo a partir de 2004 até o presente). Assim o *Google Trends* fornece dados quantitativos que devem ser interpretados com base no conceito de pesquisa. Claro que a ferramenta tem imenso valor heurístico para as ciências sociais, visto que por mês o Google armazena mais do que 100 bilhões de buscas e as identifica por local, origem, relação de assunto, dentre outros filtros. Tais dados são utilizados de formas diversas, mas nitidamente tem um valor direto as ferramentas de publicidade do Google, como o *Google AdWords*, o *DoubleClick*, o *Google Analytics* e também *Google AdSense* (BÜLBÜL; SANTOS; LEMES, 2017).

Isso de um lado, oferece a redução do peso ético em estudos empíricos, além disso, oferece um caminho praticamente ilimitado visto que o *Google Trends* representa o maior banco de dados do mundo (como de domínio público) sobre comportamentos e preferências humanas (MORAES; CARVALHO, 2017).

4 OS PROTESTOS DE 2013 E 2015

Mesmo antes de 2013 o clima já sinalizava uma possível ascensão de luta de classes, não só pelo aumento da inflação, mas também pela retomada da atividade do movimento estudantil. Destaca-se também que em 2012 o descontentamento em relação ao governo Dilma já se plasmava na ascensão do movimento de grevistas que levou o volume de greves ao ultrapassar os anos anteriores em um cenário concomitante com a precarização do mercado de trabalho que ficou nítido no serviço público, como nas universidades federais. Fora estes já supramencionados muitos outros fatores podem explicar o descontentamento coletivo em relação ao governo Dilma Rousseff, como destacam Helcimara Telles (2016) e Thiago Perez Bernardes de Moraes (2015; 2016), alguns seriam mais importantes do que outro como, por exemplo, o próprio desgaste - consequência de 12 anos de mandato consecutivo por parte do PT conjunto a uma intensa cobertura negativa por parte da imprensa que responsabilizou o governo federal por obras incompletas e ou superfaturadas da

Copa do Mundo e a nítida ausência de Lula como Incumbente. Desataca-se também a voz dos partidos de oposição, como o PSDB, que colocava a corrupção como um mau que fora propagado principalmente pelo PT. Houve também um nítido freio do desenvolvimento econômico em um cenário de estagnação, marcado por uma desconfiança do eleitorado vide que o PSDB realizou pedidos de auditoria. O PSDB também encabeçou uma campanha pró-*impeachment* de Dilma, relacionando ela a escândalos políticos, principalmente os relacionados a Petrobras. Ocorreu também no período um intenso sentimento antipartidário que deu lugar para o surgimento de lideranças políticas *outsiders* que fizeram uso maciço das redes sociais para incentivar o inchaço dos protestos de rua, o que de alguma forma contribuiu, ainda mais, para o esvaziamento da confiança nas instituições. Houve também um sentimento de derrota com a perda do Brasil na Copa do Mundo somado ao descontentamento eleitoral de quem votou em outros candidatos que não Dilma Rousseff e que não toleraram bem sua reeleição¹¹.

Outros fatores merecem destaque como o fato de que, na véspera do segundo turno de 2014, um dos réus envolvidos na Lava Jato envolveram Dilma e Lula ao afirmarem que os mesmos sabiam dos esquemas de corrupção. Além disso, vários líderes e aliados políticos de Dilma foram tragados pela Lava Jato, como Zé Dirceu, indiciado em 2005 e preso em 2013. Destacam-se também os esquemas de corrupção como o Petrolão, um esquema pela qual o PT se articulava junto a Petrobras e também comprava apoio de partidos menores. Tal estratégia se espalhou como fogo em palha ao longo de todo o Estado e ministérios, atingindo também as empresas públicas (MORAES, 2015).¹²

¹¹ Thiago Perez Bernardes de Moraes (2017), em um quase-experimento natural sobre as eleições de 2014 e a busca por *impeachment* dois anos depois, aferiu que a distribuição geográfica de votos em Aécio Neves, segundo turno, pode explicar até 15,7% da distribuição de apoio ao *impeachment* na sociedade brasileira medido pelas buscas do Google. O autor afirma que, para essa parcela da população brasileira, o *impeachment* de Dilma foi visto como uma espécie de desejável vingança eleitoral.

¹² Os movimentos sociais contra o governo Dilma refletiram a marcante polarização entre seus eleitores e os candidatos que votaram em Aécio Neves (PSDB). No mesmo tom, o estudo de Thiago Moraes (2017) relaciona que a busca pelo tema *impeachment*, no Google depois das eleições de 2014, coincide fortemente com a distribuição de votos em Aécio Neves. Nesse sentido, Thiago Moraes (2017) sugere que o interesse dos brasileiros por *impeachment*, em parte, se relaciona à insatisfação eleitoral e a uma tentativa de alguma forma lidar com a insatisfação.

Resumidamente, as manifestações em junho de 2013 começaram como uma onda de protestos contra a tarifa do transporte coletivo, porém, em pouco tempo, a pauta de demandas cresceu amplamente, em um cenário de intensa indignação e insatisfação, que impossibilitou até certo ponto a identificação de um ou mais movimentos sociais organizados que eram vetores dos protestos (JUSTUS; AGGIO, 2018). Para Thiago Moraes e Romer Mottinha Santos, o que fez crescer de forma exponencial o número de protestos e o engajamento popular foi a violência policial,¹³ que, a princípio em São Paulo (na avenida Paulista), gerou material que fora amplamente disseminado no enquadramento midiático, como consequência, uma onda de insatisfação fez os protestos se proliferarem pelo país. As jornadas de junho foram em si um grande guarda-chuva, aglutinador de demandas e que evoluiu para uma espécie de evento social importante, o que levou muitos a rua pelo simples sentimento de pertencimento ao grupo. Dito de outra forma, os protestos se tornaram eventos sociais irresistíveis, cuja participação social era para muitos quase que compulsória. De toda forma esse cenário, como elencam Marcelo Justos e Gustavo Oliveira Aggio (2018), teve como principal combustível os intensos e recorrentes escândalos de corrupção, os custos elevados das obras da Copa do Mundo e das Olimpíadas e a baixa qualidade dos serviços públicos, que se tornaram as principais fontes de reclamações contra o governo federal.¹⁴

¹³ O conceito de violência policial é com fundamentação em Max Weber (2009) em sua obra *Economia e Sociedade* V. 2 em que o Estado é uma comunidade humana que, por delimitação de determinado território, reclama para si (com êxito) o monopólio da coação física legítima, pois o específico da atualidade é que a todas as demais associações ou pessoas individuais somente se atribui o direito de exercer coação física na medida em que o Estado o permita. Este é considerado a única fonte do direito de exercer coação (WEBER, 2009, p. 525-526).

¹⁴ Ressaltando a importância dos protestos que ocorreram no Brasil, Anelisa Maradei (2018) indaga que de um lado existem os que promulgam que o impeachment de Dilma derivou apenas da corrupção de seu governo e pelo esfacelamento da base parlamentar e dos efeitos negativos da política econômica, porém de outro, é indubitável que junho de 2013 teve talvez ainda mais relevância para a configuração das demandas pelo impeachment. O precedente de descontentamento pré-existente em 2013 também se manifesta em 2015 na forma de protestos de rua em dois grandes momentos: nos dias 13 e 15 de março. No primeiro dia ocorreram protestos por parte de defensores do governo Dilma Rousseff e no dia 15 houve protestos contra Dilma Rousseff, encabeçados pelas redes sociais pelo MBL – Movimento Brasil Livre, além de outros grupos organizados como o Vem pra Rua, Partido Solidariedade, SOS Forças Armadas, dentre outros. Apesar de o viés antigoverno do protesto, os partidos políticos de oposição ao governo federal tiveram dificuldade em alcançar o protagonismo.

5 METODOLOGIA

Neste trabalho foram utilizadas duas fontes de dados: informações coletadas sobre o interesse manifesto nas buscas do Google por protestos no Brasil durante os anos de 2013 e 2015 e a distribuição espacial deste dentro do território nacional e também dados do primeiro e segundo turno das eleições de 2018 para presidente, considerando apenas a distribuição dos votos válidos. Os candidatos relacionados foram: Fernando Haddad (PT), Jair Bolsonaro (PSL), Geraldo Alckmin (PSBD), Marina Silva (REDE), Álvaro Dias (PODEMOS), Ciro Gomes (PDT), João Amoêdo (NOVO), Henrique Meirelles (MDB), Guilherme Boulos (PSTU) e Cabo Daciolo (PATRIOTA).¹⁵

A partir destes dados se parametrizou um quase experimento natural que considerou em ambos os turnos como variáveis dependentes a proporção de votos válidos recebidos por candidato (segmentado por Estado) e como variável independente utilizou-se uma média relativa ao interesse manifesto pelo tópico protestos, considerando como recorte temporal os anos de 2013 e 2015. Os dados sobre as buscas no Google foram colhidos a partir do *Google Trends* <https://trends.google.com/trends>, considerando a frequência de tópicos Beta¹⁶.

A princípio, o objetivo principal deste trabalho é aferir se existe relação causal entre a distribuição no Brasil de interesse por protestos nos anos de 2013 e 2015 e a distribuição de votos válidos nas eleições presidenciais de 2018. A hipótese que planteamos é que possivelmente exista relação entre a distribuição de interesse por protestos no Brasil e o padrão de distribuição de votos em 2018. É possível que, este padrão afete de forma negativa os votos do Partido dos Trabalhadores ao mesmo tempo em que beneficie a votação de outros candidatos que possivelmente também estão no *mainstream* da disputa. A premissa aqui é que, os que se interessaram mais

¹⁵ Também concorreram à presidência Vera Lúcia (PSTU) com 0,05% de votos, José Maria Eymael (DC) com 0,04% de votos e João Vicente Goulart (PPL) com 0,03% de votos. Pela baixa expressividade dos resultados eleitorais destes três não candidatos, eles não foram relacionados nos testes desta pesquisa.

¹⁶ A frequência do tipo Beta representa um conjunto de termos distintos (com grafias diferentes), mas que, para o algoritmo do Google, se referem ao mesmo tópico ou tema em questão. Dessa forma, este tipo de métrica desenha uma média do interesse público em determinado tópico ou matéria como um todo (MORAES; SANTOS, 2015).

por protestos, possivelmente, adquiriam um posicionamento antipetismo, dessa forma, utilizam o pleito eleitoral para punir o candidato do PT. Nesse eixo, a média de interesse por protestos em 2013 e 2015 enquanto termômetro seria uma espécie de epifenômeno da hipertrofia do antipetismo. Para todos os testes estatísticos foi utilizado o intervalo de confiança de 95%.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA RELAÇÃO ENTRE OS PROTESTOS DE 2013 E 2015 E A ELEIÇÃO DE 2018

A relação entre os protestos de 2013/2015 e os votos em 2018 na Tabela 1 plasmou-se com o índice de Pearson correlações, considerando a distribuição de votos válidos no primeiro turno dos candidatos: Fernando Haddad, Jair Bolsonaro, Ciro Gomes, Geraldo Alckmin, Marina Silva, João Amoedo, Álvaro Dias, Guilherme Boulos, Henrique Meirelles e Cabo Daciolo. Além disso, elencou-se também uma métrica representando a média de interesse por protestos no Brasil no ano de 2013 e 2015 segmentado nas 27 unidades da federação.

Tabela 1. Correlações

(Continua)

		Protestos 2013 2015 média
Protestos 2013 2015 média	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	
	N	27
T1 HADDAD	Correlação de Pearson	-,515**
	Sig. (2 extremidades)	,006
	N	27
T1 BOLSONARO	Correlação de Pearson	,568**
	Sig. (2 extremidades)	,002
	N	27
CIRO GOMES	Correlação de Pearson	-,349
	Sig. (2 extremidades)	,074
	N	27
GERALDO ALCKMIN	Correlação de Pearson	,596**
	Sig. (2 extremidades)	,001
	N	27
MARINA SILVA	Correlação de Pearson	,487**
	Sig. (2 extremidades)	,010
	N	27

Conclusão

		Protestos 2013 2015 média
JOÃO AMOEDO	Correlação de Pearson	,221
	Sig. (2 extremidades)	,267
	N	27
GUILHERME BOULOS	Correlação de Pearson	,101
	Sig. (2 extremidades)	,617
	N	27
ALVARO DIAS	Correlação de Pearson	-,111
	Sig. (2 extremidades)	,581
	N	27
HENRIQUE MEIRELLES	Correlação de Pearson	,196
	Sig. (2 extremidades)	,326
	N	27
CABO DACIOLO	Correlação de Pearson	,222
	Sig. (2 extremidades)	,267
	N	27

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

**. A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Fonte: os autores.

Quanto às correlações verificadas na Tabela 1, podemos firmar a princípio que (I) não houve correlação entre a distribuição de interesse por protestos nas buscas do Google e as votações dos candidatos Cabo Daciolo, Henrique Meirelles, Álvaro Dias, Guilherme Boulos, João Amoedo e Ciro Gomes. Nesse caso o fator protestos exerceu efeito neutro em relação a estes candidatos; (II) há correlações positivas entre o interesse por protestos e a votação dos candidatos Jair Bolsonaro, Geraldo Alckmin e Marina Silva; (III) há correlação negativa entre o interesse por protestos e a distribuição de votos do candidato Fernando Haddad.

Na Tabela 2, a seguir, expõem-se quatro modelos de regressões lineares em que, em cada um deles, a variável independente é a média de interesse por protestos 2013/2015 e como variáveis dependentes considera-se a distribuição de votos válidos do primeiro turno dos candidatos Fernando Haddad, Jair Bolsonaro, Marina Silva e Geraldo Alckmin.

Tabela 2. Regressões lineares – variáveis dependentes (candidatos) x variável independente (busca por protestos – 2013 /2015- no Google)

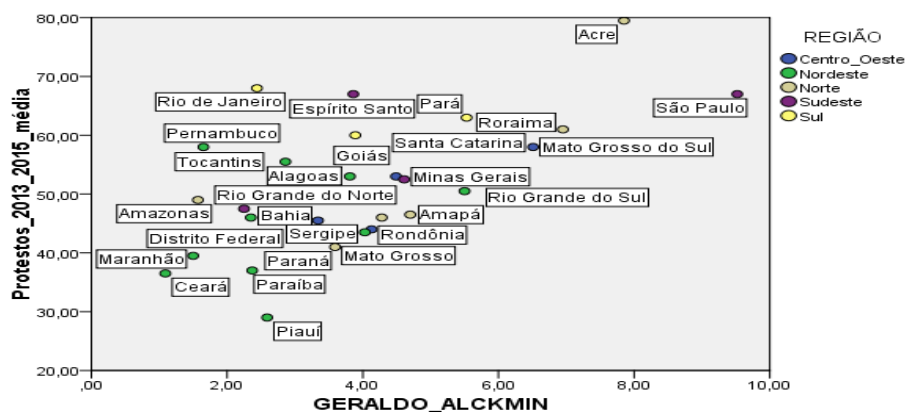
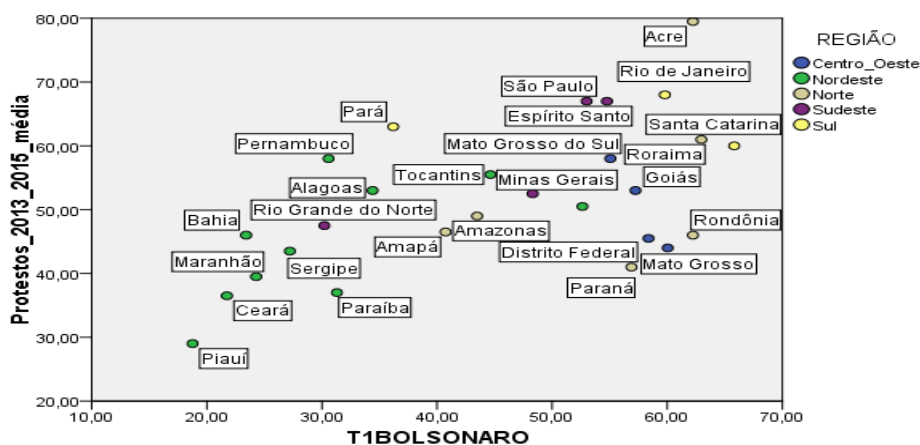
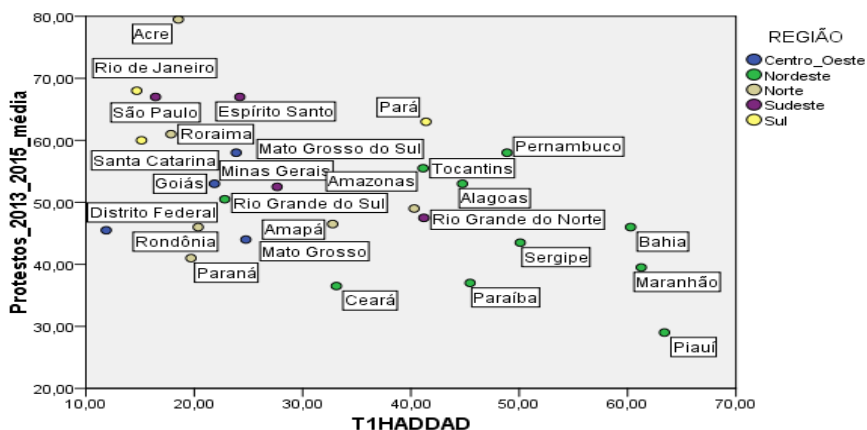
Variável dependente ^a	R quadrado	R quadrado ajustado	ANOVA		T_STUDENT	
			F	Sig	F	Sig
FERNANDO HADDAD	,265	,235	9,004	,006 ^b	-3,001	,006
JAIR BOLSONARO	,323	,296	11,922	,002 ^b	3,453	,002
GERALDO ALCKMIN	,355	,330	13,789	,001 ^b	3,713	,001
MARINA SILVA	,237	,207	7,783	,010 ^b	2,790	,010

^a – Distribuição geográfica da proporção de votos válidos.

^b - Variável independente: distribuição geográfica de buscas por “protestos – 2013 / 2015” no Google.

Fonte: os autores.

Com base no resultado apresentado pelas regressões lineares (Tabela 2) é possível traçar alguns apontamentos pertinentes: (I) em todos os casos o teste de significância global mostrou aderência dos modelos, assim como também se corroborou no teste de *t-student*, o que garante a aderência da relação proposta; (II) Fernando Haddad, ao que parece, foi o único que se prejudicou com o efeito dos protestos, afinal, o modelo consegue explicar pelo menos 23,5% das perdas de voto de Haddad como efeito da variável independente; (III) em conjunto, é possível dizer que Marina Silva, Bolsonaro e Alckmin beneficiaram-se do efeito dos protestos. Claro que ainda assim, isso não impediu que a votação de Marina Silva fosse um fracasso com relação a 2014 e Geraldo Alckmin foi mais uma decepção do PSDB, com a maior coligação e o maior tempo de TV e maior fundo eleitoral; (IV) todavia, vale destacar que ao que parece Alckmin foi o que mais se beneficiou do efeito seja pelo valor de r quadrado ajustado (33%) e também de *t-student*, na outra ponta; Marina Silva foi a que menos aproveitou tal situação (20,7%).



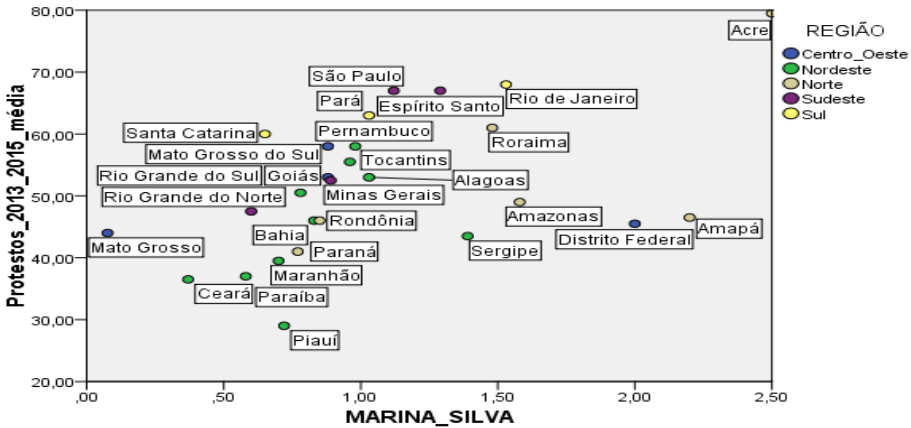


Gráfico 1. Dispersão (1º turno) entre interesse por protestos (2013/2015) e distribuição de votos válidos em 2018

Fonte: os autores.

A seguir na representação do gráfico de barras elencou-se o Estado onde cada candidato foi vencedor e o volume de buscas (média) efetuadas em 2013 e 2015 por protestos. A intensidade das cores do gráfico corresponde ao volume de buscas efetuadas por protestos nos anos anteriores à eleição.

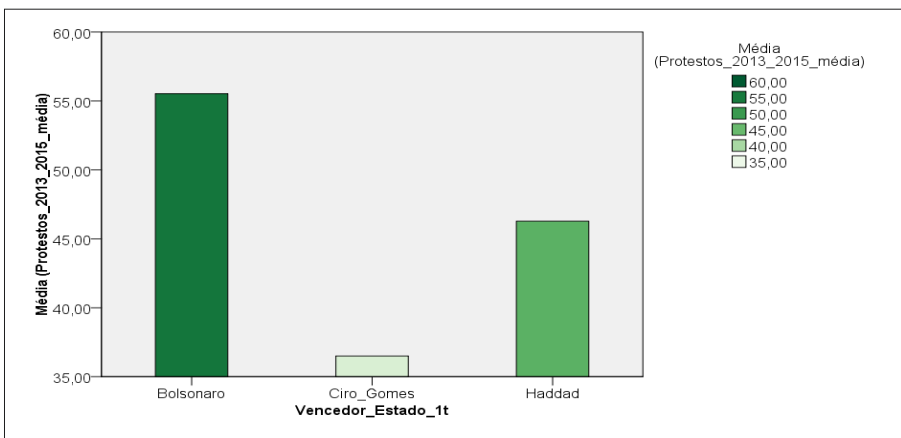


Gráfico 2. Vencedor em cada Estado (1º turno) x buscas no Google por protestos (2013/2015)

Fonte: os autores.

O Gráfico 2 mostra que, comparado a Ciro Gomes e Haddad, o reduto de Bolsonaro foi o que, historicamente, mais demonstrou interesse através das buscas do Google pelos protestos em 2013 e 2015, o que endossa a ideia de que os protestos de alguma forma forjaram a consciência política que fez hipertrofiar, sobretudo, o antipetismo o que representou uma janela de oportunidade no primeiro turno para Bolsonaro, Alckmin e Marina Silva, que foram os candidatos escolhidos pelo eleitor para punir a candidatura do PT.

6.1 SEGUNDO TURNO

Na Tabela 3, a seguir, elencaram-se na correlação utilizando o índice de *Pearson* os dados relativos à distribuição de votos válidos no segundo turno para o candidato Fernando Haddad e Jair Bolsonaro, além da distribuição de buscas no Google pelos protestos em 2013 e 2015.

Tabela 3. Correlações

		Protestos 2013 2015 média
Protestos 2013 2015 média	Correlação de Pearson	1
	Sig. (2 extremidades)	
	N	27
T2 HADDAD	Correlação de Pearson	-,545**
	Sig. (2 extremidades)	,003
	N	27
T2 BOLSONARO	Correlação de Pearson	,554**
	Sig. (2 extremidades)	,003
	N	27

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Fonte: os autores.

Na Tabela 3 verifica-se que houve correlação entre o interesse por protestos e os candidatos Jair Bolsonaro e Fernando Haddad. Assim como no primeiro turno, a correlação aqui se mostra negativa para Haddad e positiva para Bolsonaro. Na Tabela 4, a seguir, esquadram-se dois modelos de regressões lineares, em cada um deles, consideraram-se como variável independente as buscas por protestos (média) segmentados por Estado no ano de 2013 e 2015 e como variáveis dependentes

contabiliza-se a votação válida proporcional nos candidatos Fernando Haddad e Jair Bolsonaro.

Tabela 4. Regressões lineares – variáveis dependentes (candidatos) x variável independente (busca por protestos – 2013 / 2015 - no Google)

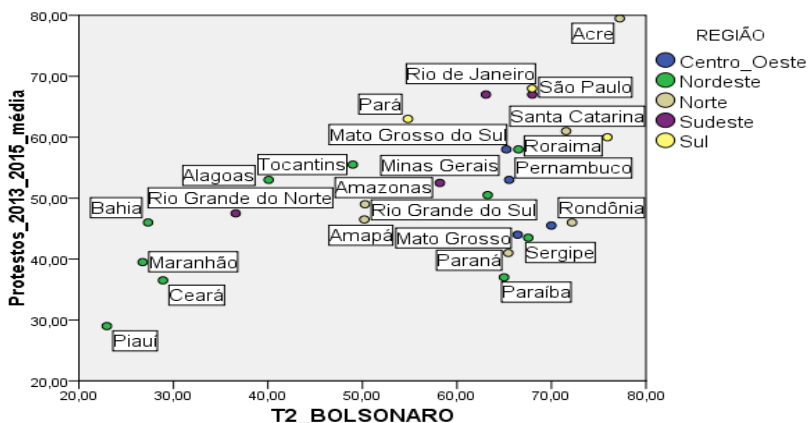
Variável dependente ^a	R quadrado	R quadrado ajustado	ANOVA		T_STUDENT	
			F	Sig	F	Sig
FERNANDO HADDAD	,545 ^a	,297	10,570	,003 ^b	-3,251	,003
JAIR BOLSONARO	,307	,279	11,080	,003 ^b	3,329	,003

^a – Distribuição geográfica da proporção de votos válidos.

^b - variável independente: distribuição geográfica de buscas por “protestos – 2013 / 2015” no Google.

Fonte: os autores.

Com base nos resultados apresentados na Tabela 4 é possível dizer que a relação é aderente, tal qual o verificado durante o primeiro turno, o que se corrobora tanto no valor da significância global dos modelos como também pelo teste de *t-student*. Além disso, assim como no primeiro turno, o efeito dos protestos residiu em subtrair votos de Haddad e multiplicar votos de Bolsonaro. A variável independente buscas por protestos em 2013 e 2015 consegue responder por 27,9% dos votos agregados a Bolsonaro e 29,7% dos votos perdidos por Haddad.



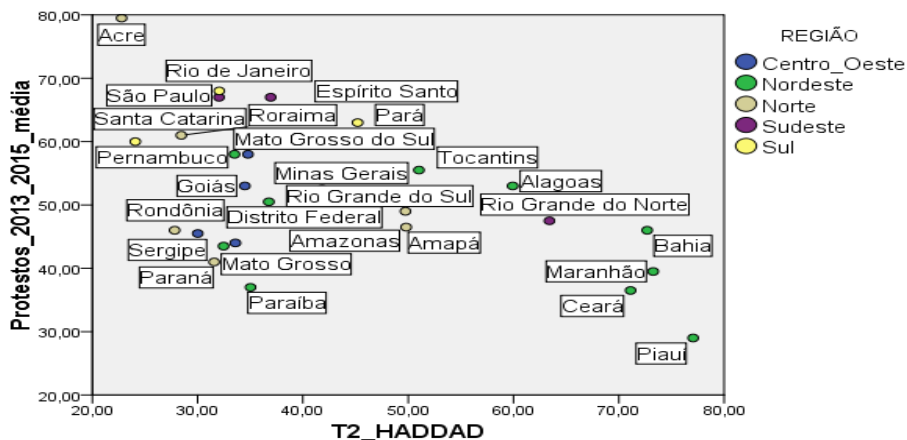


Gráfico 3. Dispersão (2ª turno) entre interesse por protestos (2013/2015) e distribuição de votos válidos em 2018

Fonte: os autores.

A seguir (Gráfico 4) segmenta-se na representação de barra a distribuição de busca por protestos em 2013 e 2015 e o recorte de êxito eleitoral de cada candidato segmentado por Estado.

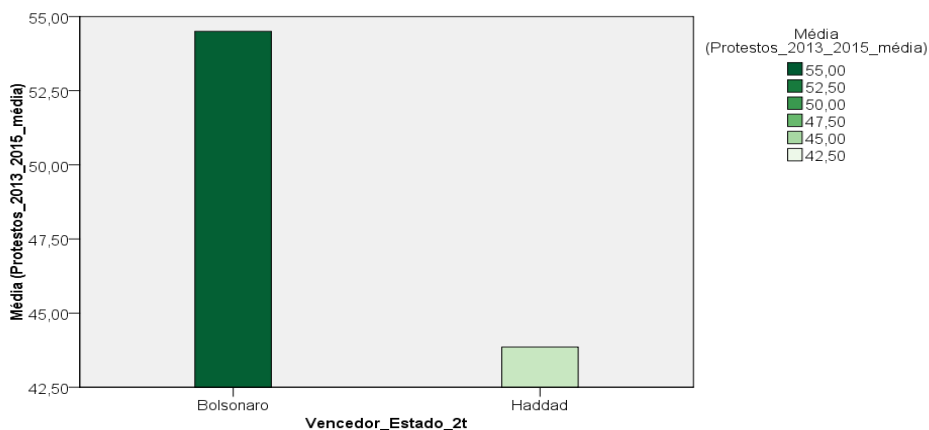


Gráfico 4. Vencedor em cada estado (2ª turno) x buscas no Google por protestos (2013/2015)

Fonte: os autores.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto no primeiro como no segundo turno os dados permitiram que a corroboração da hipótese. No primeiro, o único candidato que fora prejudicado pelo efeito protestos 2013/2015 foi Fernando Haddad, em que o modelo consegue explicar 23,5% das perdas de votos do candidato. Já Alckmin se beneficiou diretamente do efeito enquanto que Marina Silva também se beneficiou, mas não de forma com conquista de votos suficientes para obter sucesso eleitoral. Claro que ainda assim, tanto um, quanto o outro, tiveram desempenhos eleitorais muito abaixo do provável. No segundo turno o mesmo ocorre, só que de forma ainda mais expressiva. Nesse caso, 29,7% das perdas de votos de Haddad pode ser explicada pela variável independente aqui elencada, no mesmo tom, a variável independente teve efeito multiplicador sobre os votos de Bolsonaro e o modelo proposto consegue explicar 29,7% da votação do candidato.

De toda forma isso aponta que os protestos não têm apenas um único efeito localizado. Assim, se a voz das ruas ecoou pelo Brasil em 2013 e 2015, seu efeito transpassou certamente este recorte temporal vindo mais tarde a reverberar de forma significativa nas eleições presidenciais de 2018. Os protestos de 2013 e 2015 foram uma espécie de incubadora de rechaço contra o governo PT fazendo essa tendência se hipertrofiar ao ponto de que, talvez, se os protestos não tivessem ocorrido, Jair Bolsonaro e o PSL não tivessem logrado êxito na corrida eleitoral, visto que, tanto no primeiro como no segundo turno verifica-se que os Estados onde Bolsonaro ganhou foram onde anteriormente ocorreu o maior volume de buscas pelos protestos. Mais do que isso, os protestos não só agregaram votos a Bolsonaro, mas também tiraram de Haddad, o que endossa ainda mais o argumento. Isso reforça o argumento de Wendy Hunter e Timothy J. Power (2019), para eles, Bolsonaro foi eficiente em explorar dois padrões de clivagens presentes na sociedade brasileira em 2018 (ambas hipertrofiadas pelos protestos de massa). Uma refere-se à clivagem *anti-establishment*, marcado por um sentimento de repulsa generalizada e cumulativa contra a classe política. A outra, a anti-PT, que dependeria da determinação entre muitos eleitores de infligir uma punição atrasada ao partido que governou por mais de uma década em quatro mandatos consecutivos. Nesse diapasão, em meio à

erosão do capital social do MDB e do PSDB, como destacam Borges e Albala (2018), o antipetismo funcionou como um multiplicador de votos de Bolsonaro. Em futuros estudos recomenda-se que a metodologia aqui empregada seja usada para aferir se os protestos de 2013 e 2015 e o efeito antipetista daí derivado influenciaram também as eleições de 2018 para os demais cargos que estavam em disputa.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, S. H. H. Presidencialismo de Coalizão: o dilema institucional brasileiro. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 5-34, 1988.

BASTOS, P. P. Z. Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 21, n. 2, 2017.

BORGES, A.; ALBALA, A. Elections in Brazil: Political Reorder or 'Gatopardism'?. **Politics: virtual issue**, Thousand Oaks, p. 1-6. dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/32Dc8uZ> . Acesso em: 10 nov. 2019.

BÜLBÜL, M. Ş.; SANTOS, R. P.; LEMES, I. L. Big Data techniques in science education and what story Google Trends tells us about Science? **Acta Scientiae**, v. 19, n. 6, 2017.

BÜLBÜL, M. Ş.; SANTOS, R. P.; LEMES, I. L. Big Data techniques in science education and what story Google Trends tells us about Science? **Acta Scientiae**, v. 19, n. 6, 2017.

DATAFOLHA. Avaliação do presidente Michel Temer. Instituto de Pesquisa Datafolha, Opinião Pública. São Paulo, dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/34OS62o>. Acesso em: 20 jan. 2019.

GOERTZEL, T. Luiz Inácio Lula da Silva and the Brazilian Workers' Party (PT). In: OXFORD Research Encyclopedia of Latin American History. 2018.

GOERTZEL, T. Luiz Inácio Lula da Silva and the Brazilian Workers' Party (PT). In:

OXFORD Research Encyclopedia of Latin American History. 2018.

GONZALEZ AGUILAR, A.; PINTO, A. L.; SEMELER, A. R.; SOARES, A. P. A.. **Visualização de dados, informação e conhecimento**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2017.

GUNN, L. H. *et al.* Online interest regarding violent attacks, gun control, and gun purchase: A causal analysis. **PLoS one**, v. 13, n. 11, p. e0207924, 2018.

HUNTER, W.; POWER, T. J. Bolsonaro and Brazil's Illiberal Backlash. **Journal of Democracy**, v. 30, n. 1, p. 68-82, 2019.

ITUASSU, A. *et al.* Politics 3.0? De@ real Donald Trump para as eleições de 2018 no Brasil. 2018.

ITUASSU, A. *et al.* Sharing Media and Electoral Preference on Twitter: Analysis of Public Opinion during the 2014 Elections in Brazil. **Palavra Clave**, v. 21, n. 3, p. 860-884, 2018.

JUSTUS, M.; AGGIO, G. O. Street protests against Dilma Rousseff's administration and corruption in Brazil: the "higher education effect". **Economic Analysis of Law Review**, v. 9, n. 1, p. 5-18, 2018.

MARADEI, A. **Twitter como esfera pública em momentos de protesto: estudo da comunicação pela rede social nos movimentos de 2013, 105 e 2016 no Brasil**. 2018. 244 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1774/2/Anelisa%20Maradei.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Grandes Casos**: Caso Lava Jato. Brasília, 2019.

MORAES, T. P. B. de. Nocaute no "terceiro round": Insatisfação eleitoral e distribuição de interesse pelo *impeachment* nas buscas do Google. **Revista Brasileira de Direito Eleitoral**, Belo Horizonte, v. 16, n. 9, p.151-170, jun. 2017.

MORAES, T. P. B. de; CARVALHO, E. G. de. **Pegadas digitais: psicologia, internet e pesquisa social**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

MORAES, T. P. B. de; SANTOS, R. M. O mapa da crise - um estudo sobre o interesse dos internautas pela crise política brasileira. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL UNINTER DE CONHECIMENTO, 1.,; INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE, 12.,; ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 5., FÓRUM CIENTÍFICO, 5., SEMINÁRIO PIBID DO CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER, 2., Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Grupo Educacional UNINTER, 2015. p. 787-793.

MORAES, T. P. B. de; SANTOS, R. M. Os Protestos no Brasil: Um estudo sobre as pesquisas na web, e o caso da Primavera Brasileira. **Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales**, v. 9, n. 2, p. 193-206, 2013.

MORAES, T. P. B. de; QUADROS, D. G. A crise do governo Dilma Rousseff em 140 caracteres no Twitter: do #Impeachment ao #ForaDilma. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 8, p. 14-41, 2016.

MORAES, T. P. B. de. **Cada cabeza su sentencia**: pena de muerte, cognición y sociedad. Saarbrücken: Académica Española, 2016. 224 p.

ØRMEN, J. Googling the news: Opportunities and challenges in studying news events through Google Search. **Digital Journalism**, v. 4, n. 1, p. 107-124, 2016.

PAIVA, D.; KRAUSE, S.; LAMEIRÃO, A. P. O eleitor antipetista: partidarismo e avaliação retrospectiva. **Opinião Pública**, v. 22, n. 3, p. 638-674, 2016.

PRÜFER, J.; PRÜFER, P. **Data Science for Institutional and Organizational Economics**. Tilburg University, Tilburg Law and Economic Center, 2018.

STEPHENS-DAVIDOWITZ, S. **Todo mundo mente**: o que a internet e os dados dizem sobre quem realmente somos. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

TELLES, H. A Direita vai às ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protestos antigoverno. **Ponto-e-Vírgula, Revista de Ciências Sociais**, n. 19, 2016.

VÖLKER, S. Brasilien: Lulas Kandidatur 2018 gefährdet die Erneuerung der PT. **Giga German Institute Of Global And Area Studies**, Hamburg, v. 1, n. 1, p. 1-11, dez. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2ryrapn>. Acesso em: 06 jan. 2019.

VÖLKER, S. Brazil: Lula's 2018 Candidacy Endangers Reforms of the Workers' Party (PT). **GIGA Focus Lateinamerika**, n. 6, 2018.

WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Universidade de Brasília, 2009. v. 2.

WOLF, J. T. **Trending in the Right Direction**: Using *Google Trends* Data as a Measure of Public Opinion During a Presidential Election. 2018. These de Doctorado. Virginia Tech, 2018.

Recebido em: 28/08/2019

Aceito em: 12/11/2019